

O TEMA DO TRABALHO NA SALA DE AULA: “PEDRO PEDREIRO”, DE CHICO BUARQUE DE HOLANDA

Luciano Marcos Dias Cavalcanti¹

¹ UNICAMP/IEL, lucianos.dias.cavalcanti@gmail.com

Resumo: No espaço escolar, é necessário refletir sobre condições/relações de trabalho precárias, as quais está reduzida parte significativa da população, especialmente aqueles que não têm formação/qualificação profissional adequada ou exercem funções de pouco prestígio social. Considerando isso, propomos uma reflexão sobre o tema do trabalho precarizado a partir da letra da canção “Pedro Pedreiro” (1965), de Chico Buarque, compositor que visibiliza seres desvalidos e desqualificados do ponto de vista socioeconômico ou moral.

Palavras-chave: BNCC, trabalho precarizado, canção popular, Chico Buarque.

1. Introdução

O artigo 205 da **Constituição Federal** aponta que a educação precisa promover a cidadania, o desenvolvimento pessoal do educando e prepará-lo para o mercado de trabalho. (BRASIL, 1988). Atenta a essa tríade, a **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** (LDB/1996) observa, no artigo 35, que uma das finalidades do Ensino Médio é construção de um sujeito-cidadão, preparado para o trabalho e adaptável a novas realidades. (BRASIL, 1996). A **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC/2018) discorre sobre a necessidade de formação de um sujeito crítico, criativo, independente e responsável, capaz de fazer uma “leitura da realidade”, enfrentar os “novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais)”, tomando “decisões éticas e fundamentadas”. (BRASIL, 2018, p. 463). Na **BNCC**, responsabiliza-se a escola por “revelar contextos nos quais as diferentes formas de produção e de trabalho ocorrem, na sua constante modificação e atualização nas sociedades contemporâneas e, em especial, no Brasil.” (BRASIL, 2018, p. 466).

Vê-se, assim, que a escola é espaço de construção de cidadania e de conhecimentos, mas estes precisam estar sintonizados com o mercado de trabalho, potencializando uma reflexão sobre o mesmo na atualidade. A fim de promover essa



ideia, a **BNCC** propõe o desenvolvimento de dez competências gerais, das quais a 6 refere-se ao trabalho e à construção de um projeto de vida (BRASIL, 2018, p. 9). Na competência 6 fica sugerido que a liberdade de escolha do aluno e, portanto, sua autonomia na tomada de decisões, está diretamente ligada à compreensão das “relações próprias do mundo do trabalho”, em que existe, como se sabe, uma divisão hierárquica que se fundamenta também na ideia de categorias e classes sociais.

Em relação ao Ensino Médio, a **BNCC** prevê ainda, pensando no tema trabalho, a formação específica dos alunos a partir de itinerários formativos. Os itinerários formativos são o aprofundamento de conteúdos a partir de uma ou mais áreas de conhecimento, revertendo numa especialização do saber e/ou uma formação mais técnica e profissional, estando estes condicionados a dois fatores: (1) a possibilidade da oferta de determinados itinerários na instituição de ensino; (2) a relevância local para essa oferta. Em relação ao segundo ponto, reforça-se a tendência de uma oferta de mão de obra específica de acordo com a realidade socioeconômica do aluno. Se ele e a escola estão localizados, por exemplo, em uma região periférica, na qual se encontram algumas fábricas, a tendência é a escola oferecer itinerários formativos necessários à produção de mão de obra para estas empresas. Nesse caso, a mesma **BNCC** que promove o direito de escolha e de vivência do protagonismo desse jovem é a que limita sua atuação profissional.

Diante do exposto, é necessário refletir, no espaço escolar, sobre condições/relações de trabalho precárias, as quais está reduzida parte significativa da população, especialmente aqueles que não têm formação/qualificação profissional adequada ou exercem funções de pouco prestígio social. Nesse caso, é importante pensar também sobre uma massa de desempregados, subempregados ou alentados, que sequer são inseridos no mercado de trabalho. Nosso objetivo, aqui, é propor uma reflexão sobre o tema do trabalho precarizado. Para essa reflexão, utilizamos a letra da canção “Pedro Pedreiro” (1965), de Chico Buarque, compositor que visibiliza seres desvalidos e desqualificados do ponto de vista socioeconômico ou moral.

2. A imobilidade social em “Pedro Pedreiro”

Uma figura importante relacionada ao mundo humilde presente nas composições de Chico Buarque é a do trabalhador, representada pela figura do pedreiro, em “Pedro Pedreiro”. Na canção, percebe-se de imediato a afinidade direta entre nome (Pedro) e sobrenome-função social (Pedreiro) da personagem, estabelecida pelo morfema “pedr”, que remete à pedra, ao que é fixo e imóvel, associando-se, assim, à história da canção, que fala de um migrante nordestino que pensa sobre sua vida, sugerido pelo neologismo “penseiro”, enquanto espera de madrugada o trem para ir ao trabalho e o aumento de seu salário atrasado há um ano. O que caracteriza Pedro é sua espera, como um indivíduo estático, incapaz de qualquer mobilidade social. A repetição presente na construção da canção é um recurso importantíssimo utilizado pelo compositor para reforçar a ideia inicial da imobilidade e fixidez da personagem, que espera e não encontra nenhuma possibilidade de melhoria de vida.

O carnaval aparece, na canção, como uma válvula de escape de um cotidiano sofrido e explorado. No desfile carnavalesco, quem participa ativamente das escolas de samba como componentes são as pessoas das camadas mais baixas e marginalizadas da sociedade. Neste momento, através do processo de inversão carnavalesca, o subalterno se iguala aos seus dominadores e passa, mesmo que por um curto período, a não se sentir inferior. Com essa possibilidade, podem inverter sua posição na estrutura social, compensando sua inferioridade social e econômica, com uma visível e indiscutível superioridade carnavalesca. (DAMATTA, 1997, p. 167).

A canção “Pedro pedreiro” representa a condição da vida trabalhadora do povo brasileiro que só pode vislumbrar a saída desta condição por meio da fantasia, do carnaval e sua inversão provisória e momentânea ou no sonho sempre frustrado de ganhar na loteria. Claudia Matos observa que este desejo de inversão de poder está ligado justamente a impossibilidade de, para trabalhadores pobres, o acúmulo de capital, restando a eles apenas o sonho da loteria. (MATOS, 1982, p. 116)

O destino de Pedro é trágico e incontornável, pois a sua condição de indivíduo estático, sem perspectiva de melhora de sua vida, é transmitida a sua descendência familiar, pois “[...] a mulher de Pedro/ Está esperando um filho/ Pra esperar também.”. Os versos revelam a paralisia social de Pedro, aprisionado a mecanismos econômicos



que organizam a sociedade brasileira, ordenada pelos proprietários e donos do capital.

A repetição utilizada na construção da canção se dá em 60 versos. Além de representar uma grande espera temporal, nos revela também o sentido de angústia. Após esperar tanto tempo e com tamanho sofrimento, Pedro desiste: “quer ser pedreiro pobre e nada mais/ sem ficar esperando, esperando, esperando”. Ao mesmo tempo em que a canção evidencia a fantasia como única válvula de escape (carnaval ou loteria), revela também a aceitação do sujeito, imobilizado pela vida, de sua condição de pedreiro pobre, de fixo na espera contínua.

O substantivo próprio Pedro, além da ideia de imobilidade, de fixação, é também um nome simples, refere-se a pessoas comuns, do povo, sugere a condição social do sujeito como generalização do povo pobre brasileiro, como se todos operários fossem representados por Pedro. Há uma substituição do sobrenome por um apelido comum, associado a uma profissão desprestigiada socialmente. O emprego de Pedro implica o uso da força física e de baixa remuneração, reforçando sua condição humilde. Sabe-se do desprestígio que o trabalho manual sempre teve no Brasil, legado ancestralmente aos negros escravizados. De maneira geral, é possível dizer que a canção revela um “retrato do Brasil” de fortes contrastes, uma sociedade injusta e perversa, que lega para os migrantes do Norte do país um lugar de desprestígio, de exclusão e espoliação. Nesse sentido, o trabalho exercido por Pedro expõe bem os mecanismos de funcionamento de classes no Brasil.

Pedro é um migrante do Norte, que mora em um subúrbio da cidade, visto que tem que esperar o trem para ir ao trabalho, expondo outra situação de esperança não alcançada pela personagem: a do indivíduo que, ao migrar para o Sul do país, almeja sua melhora de vida em uma região mais desenvolvida. Mas o que encontra novamente é sua exclusão ou expulsão do centro e/ou dos bairros nobres da cidade desenvolvida para o subúrbio, onde vivem os trabalhadores mal remunerados.

Pedro pedreiro é um indivíduo humilde de uma grande cidade, onde se chocam as contradições do desenvolvimento do mundo moderno brasileiro e de seu atraso. Chico Buarque, ao revelar esse retrato da pobreza, se solidariza com ela e mostra como o poético pode vir do “baixo”, onde o sublime se oculta, numa vida humilde e



simples. Ao retirar poesia deste meio “baixo”, não “elevado”, o compositor se afasta da matéria da poesia tradicional, na qual o poético significa o nobre e o raro, revelando que esta pode estar presente também no mais humilde cotidiano do homem simples, lição deixada pela tradição do samba e pela elaboração lírica modernista de Manuel Bandeira.

Em “Pedro pedreiro”, Chico Buarque inspira-se no drama de um João–ninguém e o transforma em uma experiência humana, densa e complexa. Um destino particular é transformado em um valor geral, abstrato e universal do indivíduo angustiado. Na canção, o elemento social não é tomado como um simples engajamento político, mas, ao contrário, a referência ao social revela nela própria algo de essencial, algo que fundamenta sua qualidade poética. Para Theodor Adorno, “o conteúdo de um poema não é a mera expressão de emoções e experiências individuais. Pelo contrário, [estas] só se tornam artísticas quando, exatamente em virtude da especificação do seu tomar-forma estético, adquirem participação no universal.” (ADORNO, 1980, p. 193).

3. Conclusão

Em sua obra, o compositor Chico Buarque reconhece o outro, resgatando a experiência de vida de uma personagem desqualificada socialmente, solidarizando-se com a existência invisível do outro. Nesse caso, ele promove algo fundamental de ser experienciado no espaço escolar, o processo de construção da empatia, anunciado na competência 9 da BNCC:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 10)

A figura do homem humilde presente na obra de Chico Buarque é valorizada em sua complexidade, digna de reconhecimento. E essa postura diante do mundo e da poesia se revela em sua canção como uma atitude estética, na recusa ao elevado e a uma linguagem apenas formalista. A canção de Chico Buarque faz uma análise crítica da sociedade e se coloca contra a ideologia oficial, contestando a insensibilidade do sistema para com os humildes. Conforme observa Lígia César, o



compositor “está consciente de sua função político-social e faz de sua poesia o instrumento de denúncia da realidade, das injustiças e das desigualdades sociais.” (CESAR, 1993, p. 83). Nesse sentido, a visibilização do trabalhador pobre, explorado, prevê uma visão mais realista e crítica das relações e condições de trabalho no mundo contemporâneo, ao mesmo tempo em que ajuda no combate a “estereótipos, discriminações de qualquer natureza e violações de direitos de pessoas ou grupos sociais, favorecendo o convívio com a diferença” (BRASIL, 2018, p. 467), desenvolvendo, no aluno, “princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos” (BRASIL, 2018, p. 490).

Referências

ADORNO, Theodor W. *Lírica e Sociedade*. In: BENJAMIN, Walter et alii. **Textos escolhidos**. São Paulo: Nova Cultural, 1980.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 19 de jun. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 19 de jun. 2020.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 19 de nov. 2019

CESAR, Lúcia Vieira. **Poesia e política nas canções de Bob Dylan e Chico Buarque**. São Paulo/São Carlos: Editora UFSC; Estação Liberdade, 1993.

DAMATTA, Roberto da. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

HOLANDA, Chico Buarque de. **Chico Buarque: letra e música**. (Humberto Werneck, org.) São Paulo: Companhia das Letras, 1989. (Songbook)

MATOS, Cláudia. **Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.